

**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
CURSO DE PSICOLOGIA**

**IANDRA GAROZI FRAGA
KAREN SILVA ROSA**

**OS PADRÕES DE BELEZA EUROCÊNTRICOS E SEUS IMPACTOS
NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE DE MULHERES NEGRAS**

Aracruz
2025

IAN DRA GAROZI FRAGA
KAREN SILVA ROSA

OS PADRÕES DE BELEZA EUROCÊNTRICOS E SEUS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE DE MULHERES NEGRAS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à
Faculdades Integradas de Aracruz como requisito
para a obtenção do título de bacharel em
psicologia.

Orientadora: Prof^a. Stéfani Martins Pereira

Aracruz
2025

IANDRA GAROZI FRAGA
KAREN SILVA ROSA

OS PADRÕES DE BELEZA EUROCÊNTRICOS E SEUS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE DE MULHERES NEGRAS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à
Faculdades Integradas de Aracruz como requisito
para a obtenção do título de bacharel em
psicologia.

Aracruz, 01 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Professora Me. Stéfani Martins Pereira
Orientadora

Professora Me. Danielle Guss Andrade
Examinadora interna - FAACZ

Professora Me. Julia Carvalho Santos
Examinadora externa

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
1. PONTOS DE PARTIDAS.....	10
2. DESENVOLVIMENTO.....	13
2.1. Subjetivação: Produção da Subjetividade e Agenciamentos Sociais.....	14
2.2. Racismo e Branquitude: Estruturas de Poder e Privilegiação.....	16
2.3. Estética Negra: Resistência, Subjetividade e Poder Simbólico.....	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
4. REFERÊNCIAS.....	25

AGRADECIMENTOS

(por Karen Rosa)

Quero agradecer a Karen criança, lá do passado, aquela que tantas vezes se sentiu silenciada e menor. Este trabalho é, especialmente, para ela. Para que saiba que cresceu e se tornou uma mulher negra potente, orgulhosa de suas raízes, que se reconhece como bonita, inteligente e pertencente. Se hoje este trabalho se conclui, é porque aquela Karen acreditou em si e se valorizou o suficiente para chegar até aqui. Aquela menina triste pode, enfim, olhar com alegria para o que nasceu desse processo. Hoje, eu me sinto forte.

À minha irmã Kamila, minha segunda mãe, agradeço pelo apoio físico e emocional, pela força compartilhada e por elevar minha autoestima, minha pele, meu cabelo, minha identidade. Você me ensina todos os dias a me reconhecer como uma mulher negra poderosa. Sua presença foi e é essencial; sem ela, nada disso seria possível.

Agradeço ao meu irmão Kaio, por sempre me colocar para cima, me ajudar nos estudos e me mostrar que aprender é um processo diverso é possível, mesmo diante das dificuldades. Obrigada por sempre me lembrar do meu valor.

Aos meus pais, Jocília e Claudio, agradeço profundamente pelo apoio constante, por me darem o privilégio de priorizar meus estudos, minha saúde mental e meu lazer ao longo da vida. A determinação e a história de vocês me inspiram a ser mais, a cada dia.

À minha dupla, Iandra Garozi, agradeço de coração pelo apoio, pelas conversas sinceras e por nunca julgar meu jeito de ser. Obrigada por estar sempre aberta a compreender e aprender, por se juntar às causas que acredito e por me incentivar com leveza, humildade e carinho. Você transformou essa caminhada em uma experiência mais humana e bonita. Espero que o vínculo que construímos siga por uma vida inteira.

A todos os professores e professoras que me acompanharam durante a graduação, deixo minha gratidão por cada aprendizado, incentivo e palavra de apoio. Foram essas presenças que me ajudaram a reconhecer meu próprio potencial e a seguir acreditando no caminho que escolhi.

E à professora Stéfani Martins, deixo um agradecimento especial. Seu acolhimento, escuta e incentivo foram fundamentais para que eu me mantivesse firme dentro da instituição. Ver uma figura de autoridade que se parece comigo transformou a forma como eu enxergo o curso (e o meu próprio lugar nele). Você me inspira a continuar com coragem e ternura. Cada encontro, cada mimo, cada risada e até as conversas “jogadas fora” me fizeram sentir ouvida e confiante. Sou profundamente grata por tanto.

(por Iandra Garozi)

Este trabalho é fruto de muitos afetos que me acompanharam ao longo do caminho. Agradeço a cada pessoa que acreditou em mim, que enxergou potência, e que, de alguma forma, me impulsionou a seguir. Levo comigo o orgulho do processo que venho traçando, das lutas e das causas que me movem, e o desejo de permanecer cada vez mais implicada na construção de um mundo que seja justo e sensível.

À minha mãe, Fernanda, dedico minha mais profunda gratidão. Sua presença amorosa, seu incentivo e sua alegria diante de cada conquista foram faróis durante a travessia. Você se orgulha de mim com uma ternura que me ensina o valor do cuidado e da confiança.

Ao meu pai, Idslam, agradeço pelo apoio e pela segurança que me ofereceu, mesmo nas diferenças que nos constituem. Sua força silenciosa foi parte importante desse percurso.

À minha irmã, Larissa, minha fortaleza e espelho de coragem, obrigada por estar sempre por perto. Ver em você despertar o senso de justiça e o desejo de igualdade me renova. Você me inspira a ser melhor e a continuar acreditando que o afeto também é forma de luta.

Aos amigos e colegas de curso, obrigada pelas conversas que se tornaram aprendizado, pelas risadas que amenizaram o cansaço e pela partilha que deu

sentido à caminhada. Em especial, à minha dupla de tantos caminhos, de trabalhos, estágios, apresentações e, como não poderia ser diferente, deste TCC, Karen. Nosso encontro trouxe leveza e alegria, e nas nossas trocas encontrei não só parceria acadêmica, mas amizade, escuta e afeto genuíno.

Aos professores e professoras, minha admiração e gratidão por plantarem inquietações que me fizeram crescer. Cada aula, provocação e diálogo foram sementes de um pensar mais crítico e sensível. Em especial, agradeço à professora Stéfani Martins Pereira, pela orientação atenta, comprometida e profundamente implicada. Sua presença nos acompanhou com firmeza e sensibilidade, e seu modo de estar na Psicologia é inspiração do que desejo cultivar em minha própria trajetória.

A todos e todas que atravessaram este percurso comigo, nas palavras, nos silêncios, nas esperas e nos encontros, minha gratidão. Que este trabalho seja também um gesto de retribuição: um modo de dizer que ninguém caminha só, e que cada passo é feito de muitas presenças, visíveis e invisíveis, que seguem comigo.

“Não existe neutralidade na luta pela libertação. Escolher o silêncio é escolher o lado do opressor.”
— bell hooks (1994)

NOTA DAS AUTORAS

Entre nós: um encontro que nos atravessa.

(por Karen Rosa)

Fazer esta pesquisa foi mais do que um processo acadêmico, foi um processo de reconhecimento, cura e reafirmação.

Desde o início, eu soube que não se tratava apenas de falar sobre estética, mas de olhar para as marcas que o racismo deixa em nossos corpos e em nossas percepções de nós mesmas. Pesquisar sobre mulheres negras, a partir de uma mulher negra, é também revisitar dores antigas, curar feridas e reconhecer potências que o mundo tantas vezes tentou (e ainda tenta) negar.

Trabalhar em dupla com a landra foi uma experiência muito bonita e simbólica. Enquanto mulher branca, ela sempre se mostrou aberta a ouvir, a aprender e a se desconstruir junto comigo, sem tentar ocupar um lugar que não é dela, mas se colocando ao lado, com empatia e respeito. Isso tornou o processo leve, afetivo e repleto de trocas verdadeiras. Senti que nossa parceria foi também um exercício de escuta e de construção coletiva, onde o aprendizado ultrapassou o tema da pesquisa e chegou à vida.

Ao longo desse percurso, percebi o quanto este trabalho também foi um espelho para mim. Cada leitura, cada conversa, cada escrita me fez olhar com mais ternura para a minha trajetória. Foi um modo de dizer àquela Karen de antes, a menina que muitas vezes se sentiu fora de lugar, silenciada, e que duvidou do próprio brilho, que ela cresceu. Hoje, ela se reconhece como uma mulher negra potente, dona da própria voz, orgulhosa de sua história e das mulheres que vieram antes dela.

Esse trabalho me fez ver saídas e formas de ressignificar a dor. Escrever sempre foi algo que me fortaleceu, e cada linha deste trabalho foi feita com muito carinho e pesquisa, pensando em mostrar a outras pessoas, e principalmente a outras mulheres negras, que elas não estão sozinhas. Que é possível se ver de outras formas nos espaços, se sentir pertencente e compreender que nossa existência é resistência.

Este trabalho é também para quem está disposto a se desconstruir de padrões enraizados, para profissionais que desejam olhar com mais cuidado para sua atuação e repensar o lugar que ocupam. É um convite a refletir sobre como os

espaços ainda não são feitos para mulheres negras, e como esse é, justamente, o problema. Como podemos falar de uma psicologia justa, de vínculo, apoio e saúde mental, se não abrimos espaço para que mulheres negras falem? Se todos podem comunicar a dor, por que, quando mulheres negras expressam a sua, o mundo vira as costas?

Este é, portanto, um espaço de reflexão, mas também de afirmação. Um espaço para dizer: nós, mulheres negras, somos importantes. Merecemos e devemos ter nosso lugar, não como exceção, mas como parte essencial da construção do conhecimento e da vida.

Eu termino esta etapa, mas continuarei lutando, pelas Karens, pelas Stéfanis, e por todas as mulheres negras que seguem resistindo até hoje. Quando olho para trás, é apenas para buscar o que foi tirado de nós e reencontrar, na força da ancestralidade, o nosso poder, nossa história e nossa cultura.

(por landra Garozi)

Este trabalho nasceu de um encontro.

Eu, landra, mulher branca e estudante de Psicologia, escrevo ao lado de Karen, mulher negra, amiga e parceira de travessia. Juntas, nos debruçamos sobre os impactos dos padrões de beleza eurocêtricos na constituição subjetiva das mulheres negras. Mais do que uma pesquisa, este percurso foi um movimento de escuta e implicação, um exercício constante de atravessamento entre o privilégio e o desconforto, entre o saber e o sentir, entre o desejo de compreender e a necessidade de se afetar.

Durante muito tempo, acreditei que bastava “ser antirracista”. Sempre me reconheci inquieta diante das injustiças sociais, acreditando que esse incômodo era o suficiente. Contudo, a graduação, especialmente os encontros com a professora Stéfani Martins Pereira e as trocas potentes com Karen me mostraram que reconhecer-se como antirracista não basta: sustentar a branquitude é também um ato político. Foi nesse espelho desconfortável que percebi o quanto o privilégio pode ser silencioso, e o quanto é preciso olhar de frente para as estruturas que me beneficiam para, enfim, escolher um outro modo de existir.

Reconhecer meu lugar de privilégio não foi um gesto de culpa, mas de responsabilidade. Foi compreender que o compromisso ético da Psicologia começa quando a escuta se estende também a nós mesmos, quando deixamos que o encontro com o outro nos transforme. Nesse processo, aprendi a desaprender: a repensar o olhar, a rever palavras, a sentir o peso e a potência de uma escuta verdadeiramente implicada.

Escrever a muitas mãos, entre mundos que se cruzam e se desafiam, foi uma experiência de deslocamento e criação. Com Karen, aprendi que o combate ao racismo e às normas estéticas excludentes não se faz apenas com conceitos, mas com presença, afeto e coragem. Cada conversa, cada silêncio compartilhado, cada desconforto e cada riso abriram em mim espaços de aprendizado e sensibilidade. Descobri que pensar é também um ato de amor, e que refletir pode ser uma forma de resistência, um modo de cuidar do outro e de si.

Este trabalho é, portanto, uma travessia e um convite. Um gesto de esperança e responsabilidade, de reconhecimento e reparação. Ao escrevermos juntas, afirmamos que o conhecimento pode ser um território de encontro entre diferenças, um espaço onde a escuta se torna prática de liberdade. Aprendi que a Psicologia, quando se permite ser afetada pela vida, deixa de ser apenas ciência e se torna ética, uma forma de construir, junto ao outro, caminhos mais humanos, plurais e sensíveis.

OS PADRÕES DE BELEZA EUROCÊNTRICOS E SEUS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE DE MULHERES NEGRAS

ROSA, Karen Silva
FRAGA, Iandra Garozi

RESUMO

O presente trabalho analisa como os padrões de beleza eurocêntricos moldam os fluxos de desejo e a subjetividade das mulheres negras. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, busca-se compreender como esses padrões atuam como dispositivos de poder que produzem exclusão e fragilização da autoestima. Fundamentado em autoras como bell hooks, Grada Kilomba e Sueli Carneiro, o estudo evidencia que a estética não se restringe à aparência, mas constitui um território político de resistência e reconstrução simbólica. As mulheres negras, ao ressignificarem seus corpos, seus cabelos e suas narrativas, produzem novas formas de existência, baseadas na ancestralidade, no afeto e na coletividade. Conclui-se que a desconstrução da estética eurocêntrica é um passo essencial para uma Psicologia antirracista e comprometida com a pluralidade.

Palavras-chave: Mulheres negras; Subjetividade; Padrão de beleza.

1. PONTOS DE PARTIDAS

Este trabalho investiga os padrões de beleza eurocêntricos na subjetividade das mulheres negras, analisando como esses padrões contribuem para a desumanização das estéticas negras, afetando profundamente a forma como as mulheres negras se veem e são vistas, tanto no cotidiano quanto em espaços sociais, institucionais e culturais.

Quando a sociedade afirma, direta ou indiretamente, que apenas cabelos lisos ou com menos volume, peles mais claras e traços considerados finos, como nariz estreito e lábios pequenos são sinônimos de beleza, isso produz complexos subjetivos¹ em pessoas negras que crescem sem se ver representadas, e muitas

¹ O conceito de complexo subjetivo, em Sueli Rolnik em diálogo com Félix Guattari, refere-se ao conjunto de forças, afetos e representações que compõem a experiência singular do sujeito, sempre em processo e em relação com o meio, especialmente no atravessamento entre raça, gênero e classe. Longe de uma estrutura fixa, o complexo subjetivo é pensado como um campo de intensidades em constante modulação, atravessado por agenciamentos sociais, políticos e

vezes sentem que precisam mudar quem são para se adequar a um padrão estético imposto.

Dessa forma, a escolha desse tema parte da urgência na compreensão sobre as implicações profundas e cotidianas dos padrões de beleza eurocêntricos na composição do desejo e subjetividade de mulheres negras. Esses padrões, historicamente impostos, seguem sendo reproduzidos e validados em diversos espaços, excluindo e desvalorizando tanto características físicas, como o cabelo crespo, os narizes largos, os lábios volumosos e os corpos que fogem da normatividade, quanto expressões culturais, como o uso de tranças, turbantes e outras estéticas que carregam marcas de identidade e ancestralidade negras.

Ainda, ao compreender como esses padrões são internalizados, reforçados e vividos, é possível reconhecer também movimentos que buscam tensionar e questionar tais imposições. Este estudo se propõe, além de questionar essas normas hegemônicas, a abrir brechas para outras formas de existir no mundo, formas que não neguem a história, o corpo e a potência das mulheres negras, promovendo subjetivações mais livres e autênticas.

Portanto, o problema científico a ser investigado é: de que maneira os padrões de beleza eurocêntricos influenciam na subjetividade das mulheres negras? A partir dessa questão, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os impactos desses padrões de beleza na constituição subjetiva dessas mulheres. Como objetivos específicos, propõe-se identificar de que maneira os padrões de beleza eurocêntricos são internalizados por mulheres negras, afetando sua autoestima e percepção de si; analisar os efeitos desses padrões como dispositivos sociais que regulam os fluxos de desejo, moldando estética e identidade; e descrever de que forma a desconstrução desses padrões pode contribuir para o fortalecimento de uma autoestima mais autêntica e para a construção de novos modos de subjetivação.

Sueli Carneiro (2023) aborda que os dispositivos sociais podem ser compreendidos como redes de práticas, discursos e instituições que, em determinado contexto histórico, regulam condutas, produzem saberes e moldam a subjetividade das

desejantes. O uso neste trabalho busca destacar as dinâmicas afetivas, inconscientes e simbólicas produzidas pelo racismo e pelos padrões eurocêntricos, que operam na constituição da subjetividade de mulheres negras. Cf. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

peçoas. Para Foucault (1988 apud Carneiro, 2023), um dispositivo é um arranjo estratégico que articula discursos, instituições, normas, saberes e práticas, sempre vinculado a relações de poder e a uma urgência histórica específica. Nesse sentido, ele atua regulando corpos, comportamentos e modos de vida, ao mesmo tempo em que molda subjetividades e organiza o campo social. Ao trazer essa noção para o contexto brasileiro, Sueli Carneiro propõe o conceito de dispositivo de racialidade, entendendo que o racismo funciona como um dispositivo de poder que estrutura a vida social, política e cultural a partir da supremacia branca, estabelecendo quem pode ou não ser reconhecido como sujeito de conhecimento, sujeito político, sujeito moral e sujeito de direitos (Carneiro, 2023).

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, fundamentada em revisão bibliográfica e inspirada no método cartográfico. A cartografia, nesse sentido, não se configura como um levantamento de dados empíricos tradicionais, mas como um acompanhamento dos processos de produção de subjetividade, considerando os atravessamentos históricos, sociais, estéticos e afetivos que compõem o objeto de estudo (Passos; Barros, 2015). A metodologia fundamentada no método cartográfico propõe a “inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é intervenção” (Passos; Barros, 2015, p. 17).

A investigação foi desenvolvida a partir da leitura crítica e implicada de autoras e autores que discutem raça, estética, subjetivação e poder, bem como da análise de produções culturais e audiovisuais, como o documentário *Histórias Entrelaçadas* (2024), que apresenta relatos de vivências negras, suas histórias, afetos e representações, foram compreendidas como analisadores sociais, possibilitando a leitura dos processos de subjetivação em seus atravessamentos estéticos, históricos e coletivos. Dessa forma, a escrita do trabalho constitui-se como parte do próprio processo de pesquisa, entendida não apenas como registro, mas como dispositivo de reflexão e produção de sentidos, coerente com uma perspectiva ética e política comprometida com a descolonização das subjetividades.

Essa fundamentação teórica permitiu compreender, de maneira crítica, as relações entre estética, identidade e subjetividade. A simples existência de mulheres negras se reconhecendo em outras, em espaços de beleza, arte e afeto, contribui diretamente para a possibilidade de construção de uma subjetividade menos

atravessada pela dor do racismo. Quando pessoas negras se veem refletidas em narrativas que celebram seus traços, seus cabelos, suas histórias e resistências, torna-se possível reconhecer-se como legítimo, bonito e digno de respeito. É nesse sentido que este estudo compreende a estética não como algo superficial ou secundário, mas como um dispositivo político, capaz de tensionar normas opressoras e operar subjetivações mais livres, afetivas e potentes entre mulheres negras.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho organiza-se a partir de uma articulação teórica que busca compreender como os padrões de beleza eurocêntricos atravessam, modulam e produzem subjetividades negras. Inicialmente, discute-se a produção da subjetividade e os agenciamentos sociais que operam na constituição do desejo, entendendo, com Guattari e Rolnik, que a subjetividade é sempre fabricada coletivamente, atravessada por máquinas sociais, midiáticas, econômicas e raciais que organizam modos de existir. Ao reconhecer que esses dispositivos não atuam de forma neutra, mas sustentam lógicas coloniais e hierarquizantes, torna-se possível identificar como a estética hegemônica se insere como forma de poder, regulando corpos, percepções e afetos. Assim, compreender a subjetivação nesse contexto implica reconhecer o papel central da raça e da estética na definição de quem pode ocupar plenamente o lugar de sujeito.

Na sequência, o texto aprofunda a análise das dinâmicas de racismo e branquitude que estruturam tais padrões, tomando como referência autoras como Sueli Carneiro, Cida Bento e Grada Kilomba. Examina-se como a branquitude opera simultaneamente como norma estética, política e moral, naturalizando privilégios e produzindo exclusões que incidem diretamente na autoestima, no desejo e nas possibilidades de reconhecimento das mulheres negras. Por fim, discute-se a estética negra como campo de resistência, criação e reinscrição simbólica, mobilizando as contribuições de bell hooks e Nilma Lino Gomes para evidenciar que cabelos, corpos e práticas culturais são territórios de afirmação identitária e enfrentamento às violências simbólicas. Esses três eixos: subjetivação, branquitude e estética negra – permitem compreender a complexidade do tema, situando a

estética como dimensão política fundamental na luta por autonomia, dignidade e liberdade das mulheres negras.

2.1. Subjetivação: Produção da Subjetividade e Agenciamentos Sociais

Os padrões de beleza eurocêntricos revelam que as escolhas estéticas não são neutras, mas constituem a própria forma pela qual o dispositivo de poder se organiza nos corpos, controlando e determinando o lugar social que cada um pode ocupar. No Brasil, a manutenção da branquitude como ideal de beleza expressa não apenas uma preferência estética, mas um pacto estrutural de exclusão, como aponta Cida Bento (2022, p. 18-19). Para a autora, a branquitude se sustenta como centro de referência simbólica, definindo o que é considerado humano, belo e aceitável e, por consequência, o que deve ser marginalizado ou apagado. A beleza negra, nesse contexto, é constantemente negada ou tolerada apenas quando moldada aos parâmetros de validação do sujeito branco, o que revela a profundidade do controle que esses padrões exercem, sobretudo na subjetividade de mulheres negras.

Segundo Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), a subjetividade não deve ser confundida com o indivíduo nem reduzida a uma instância psíquica interna; trata-se de algo produzido social e historicamente por meio de múltiplos agenciamentos coletivos de enunciação². Nessa perspectiva, a subjetividade é “essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (Guattari e Rolnik, 1996, p.31), atravessando tanto dimensões extrapessoais (como sistemas econômicos, tecnológicos e midiáticos) quanto dimensões intrapessoais (como afetos, percepções e desejos), evidenciando seu caráter descentralizado e heterogêneo.

A esse respeito, Guattari e Rolnik (1996) introduzem a noção de produção de subjetividade, a qual rompe com a ideia de que ela seria um dado natural ou mero reflexo ideológico das estruturas sociais. Trata-se, antes, de uma fabricação modulada por máquinas sociais, econômicas, midiáticas e tecnológicas que constituem modos de perceber, sentir e se relacionar. Tal produção não se restringe

² O conceito de *agenciamentos coletivos de enunciação*, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari ([1980] 1995), refere-se à ideia de que o discurso não é fruto de um sujeito individual isolado, mas de conexões entre corpos, afetos, instituições e práticas sociais. Enunciar é sempre um ato coletivo, atravessado por relações de poder e desejo. Assim, toda fala ou expressão estética é resultado de múltiplas forças, históricas, políticas e subjetivas, que se articulam para produzir sentidos e modos de existência. Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

à interioridade psíquica, mas envolve processos coletivos e históricos, de modo que o capitalismo opera também como uma fábrica de subjetividades, responsável por modelar desejos, afetos e formas de existência conforme sua lógica. Partindo dessa conceitualização, nesse contexto que se inserem os padrões de beleza eurocêntricos, cuja estética funciona como um dispositivo de subjetivação que regula corpos, identidades e modos de ser, reproduzindo hierarquias simbólicas e sociais.

Dialogando com essa perspectiva de produção de subjetividade, o sociólogo Bourdieu (2002, p. 80) introduz o conceito de Violência Simbólica, por meio do qual busca desvendar os mecanismos que levam os indivíduos a perceberem como naturais as representações e ideias sociais dominantes. Essa forma de violência é exercida pelas instituições e pelos agentes que as sustentam, funcionando como base para o exercício da autoridade e contribuindo para a manutenção de hierarquias sociais e culturais. Nesse sentido, o padrão de beleza eurocêntrico constitui uma das expressões mais sutis dessa violência, operando no dispositivo da racialidade ao impor uma estética hegemônica que marginaliza corpos e culturas negras, naturalizando exclusões e desigualdades sob a aparência de preferência individual.

Essa compreensão se aproxima da análise de Sueli Carneiro (2023), para quem o racismo é um dispositivo de poder que organiza a sociedade brasileira ao articular saberes, práticas e subjetividades em torno da branquitude como norma e da negritude como negação do ser. O dispositivo de racialidade estrutura tanto as relações materiais quanto simbólicas, determinando quem pode ocupar o lugar do humano pleno e quem é relegado à esfera do não ser. Assim, o racismo cumpre uma função social específica: a manutenção da supremacia branca e a produção sistemática da inferiorização negra, o que impacta não apenas as condições socioeconômicas, mas também o campo da subjetividade, regulando desejos, autoimagem e formas de reconhecimento social.

Dessa forma, os agenciamentos sociais que regulam corpos e estética se alinham à concepção de produção de subjetividade proposta por Félix Guattari e Sueli Rolnik (1996), que enfatizam como os fluxos de desejo são modulados por máquinas sociais, culturais e midiáticas, constituindo modos de perceber, sentir e existir. Os padrões de beleza eurocêntricos, ao serem internalizados, representam dispositivos

de subjetivação que atravessam corpos, identidades e relações sociais, reproduzindo hierarquias simbólicas e normativas.

2.2. Racismo e Branquitude: Estruturas de Poder e Privilegiação

Para melhor compreensão de como esses padrões influenciam a subjetividade das mulheres negras, é necessário considerar que o Brasil foi a última nação das Américas a abolir a escravização e o maior país escravista dos tempos modernos, sendo responsável pela deportação de milhões de africanos subsaarianos. Além do controle físico, a elite escravocrata implementou estratégias psicológicas discriminatórias e preconceituosas para manter a população negra em posição de inferioridade, legitimando desigualdades sociais, econômicas e culturais que persistem até hoje.

Cida Bento (2022) apresenta panoramas históricos e culturais que dialogam com o lugar do branco na sociedade. De fato, a branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que não são nomeadas e, portanto, não são marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais. Ruth Frankenberg, socióloga americana, chama a atenção para a branquitude como um posicionamento de vantagens estruturais, de privilégios raciais. É um ponto de vista, um lugar a partir do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade, o branco sendo apresentado como uma “norma universal”, enquanto o negro ocupa o lugar de “o outro”.

Nesse contexto, o privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco. Por sua vez, o conceito de prerrogativa branca diz respeito a uma posição ativa, na qual brancos buscam, exercitam e aproveitam a dominação racial e os privilégios da branquitude, podendo ser considerado uma autorrepresentação institucional.

Um dos efeitos mais perversos desse processo é a racialização constante da experiência negra, pois as pessoas negras, ao cometerem equívocos, costumam ser julgadas como representantes de todo um grupo racial, enquanto suas conquistas

individuais são frequentemente vistas apenas como exceções. Essa lógica exige um desempenho constante, uma vigilância subjetiva que cobra a perfeição e muitas vezes impede a vivência plena da própria humanidade.

Além disso, Zanello (2023) discute como o reconhecimento afetivo e amoroso também é regulado por normas sociais que posicionam os corpos negros, especialmente os corpos negros femininos, nos últimos lugares da hierarquia do desejo, literalmente nas prateleiras mais baixas e em posições inferiores aos outros. Então, o amor, longe de ser neutro, funciona como um dispositivo normativo que reforça desigualdades e exclui subjetividades que não se encaixam nos padrões hegemônicos de beleza, gênero e raça.

Diante disso, é necessário e urgente pensar formas de romper com essas estruturas que aprisionam o desejo e determinam quem merece existir, amar e ser amado. Essas rupturas se tornam visíveis nas práticas cotidianas de mulheres negras que reinventam seus modos de ser e estar no mundo, ressignificando seus corpos, cabelos e afetos como territórios de criação e liberdade.

2.3. Estética Negra: Resistência, Subjetividade e Poder Simbólico

A normatividade também é estética e atravessa os corpos negros desde a infância, como descreve Grada Kilomba (2008), que evidencia como o racismo não se resume a atos isolados, mas se inscreve no corpo negro, marcando sua presença como constante lembrança de um não pertencimento, então ela escreve: “Não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação” (Kilomba, 2008, p.121). O cabelo crespo, a pele escura, os traços largos são, frequentemente, colocados como demais ou de menos diante de uma régua estética colonizada e colonizadora.

O cabelo crespo foi colocado historicamente um símbolo de desordem, sujeira e inferioridade, e Grada Kilomba denuncia como essa violência simbólica se manifesta em perguntas aparentemente ingênuas, como “como você lava o seu cabelo?” ou “você penteia isso?”, que carregam uma herança colonial e um desejo de controle sobre o corpo negro, enquanto revelam um medo branco de contaminação e perda de domínio. A autora complementa: “A preocupação das pessoas brancas com a higiene da mulher negra revela, por um lado, o desejo branco de controlar o corpo

negro; e por outro lado, o medo branco de ser sujado por aquele corpo.” (KILOMBA, 2008, p.125)

Essas experiências vividas e microagressões cotidianas se acumulam e produzem no sujeito negro um movimento interno de silenciamento e fragmentação como aponta Grada Kilomba (2008, p. 132) que se vê forçado a cortar partes si para sobreviver, silenciando dimensões importantes da própria identidade. A subjetividade negra, nesse cenário, é constantemente tensionada entre o desejo de afirmação e a necessidade de se proteger da rejeição. O cabelo, em especial, se torna um campo de batalha simbólico e político, onde se disputa o direito à existência. Alisar, esconder ou torná-lo aceitável para os padrões brancos é, muitas vezes, uma exigência imposta desde cedo. Grada Kilomba lembra que até mesmo figuras públicas como Naomi Campbell³ raramente mostra seu cabelo natural, denunciando a pressão constante para se adequar ao ideal branco. Ao mesmo tempo, afirma que assumir o cabelo crespo em sua forma natural é uma declaração política, que desafia os padrões dominantes e provoca reações de violência simbólica, como insultos nas ruas, associações com sujeira, desleixo ou selvageria e isso evidencia que o incomodo não está no cabelo em si, mas no que ele representa enquanto signo de resistência, autonomia e ruptura.

bell hooks (2019) reforça essa discussão ao refletir sobre o olhar do outro, especialmente o olhar branco sobre os corpos negros. Segundo a autora, esse olhar historicamente colonizador constrói subjetividades feridas, pois recusa à mulher negra o direito de se ver representada e valorizada. A ausência de imagens positivas e plurais de mulheres negras nos meios de comunicação, na moda e na educação interfere diretamente na formação da autoestima, produzindo silenciamentos que operam tanto fora quanto dentro do sujeito. Ela alerta que a natureza profundamente ideológica das imagens determina não só como outras pessoas pensam sobre as mulheres negras, mas também como essas mulheres pensam sobre si mesmas. Nesse sentido, os ataques estéticos e simbólicos que recaem sobre mulheres negras não se dão apenas por meio de representações estereotipadas feitas por

³ Naomi Campbell é uma das primeiras supermodelos negras a alcançar projeção internacional, tornando-se ícone da moda nos anos 1980 e 1990. Conhecida como “Black Panther” da indústria fashion, Campbell enfrentou sistematicamente a pressão para alinhar sua aparência aos padrões de beleza eurocêtricos, incluindo o alisamento frequente do cabelo e a adoção de estilos que suavizasse traços afrodescendentes.

peessoas brancas. Atualmente, imagens produzidas por pessoas negras também podem reproduzir essa lógica, caso não estejam comprometidas com uma perspectiva crítica e libertadora.

Conforme aponta Nilma Lino Gomes (2019), a expressão estética negra está intrinsecamente ligada a dimensões políticas, econômicas, à urbanização, à afirmação étnica e à valorização da diversidade. Ela funciona como espaço de subjetivação coletiva, revelando que arte e cultura negras são também dispositivos de resistência, reconhecimento e construção de identidade em contextos marcados por desigualdades.

Para bell hooks (2019), transformar as imagens e modos de ver é tarefa urgente e coletiva. É preciso criar alternativas, subverter os estereótipos e reconhecer a estética negra como legítima e plural. Em sua leitura da peça *Les Blancs*, de Lorraine Hansberry, bell hooks reflete sobre o olhar racializado e o desejo colonial, mostrando como a resistência negra se constrói também na recusa a ser objeto do olhar branco. Nesse sentido, afirmar a própria imagem como digna e desejável torna-se um gesto de desobediência simbólica e uma forma de resistência radical. Assim como Grada Kilomba (2019) aponta a repressão psíquica como uma forma de sobrevivência forçada, bell hooks (2019) propõe o enfrentamento: olhar para o que não querem que vejamos, falar sobre o que sempre tentaram calar e imaginar novos futuros onde a negritude não seja vista como ameaça ou excesso, mas como potência.

Quando se cresce ouvindo que cabelo bom unicamente é o liso, que traços finos são mais bonitos, que o tom de pele mais claro é mais desejável, forma-se não só um abismo entre a criança negra e sua autoimagem, mas uma ferida que segue sangrando na vida adulta. A estética, então, se torna uma ferramenta de controle social, orientando os desejos e delimitando as possibilidades de existência. Neusa Santos Souza (1983), aponta que esse processo se organiza a partir da construção

de um Ideal de Ego⁴ branco, no qual o sujeito negro é interpelado a negar suas raízes e a rejeitar qualquer traço que o vincule à negritude. Ser negro, nesse contexto, significa viver sob a constante vigilância de um modelo de brancura como horizonte de aceitação, o que impede a espontaneidade e exige, em cada gesto, a necessidade de se impor para ser respeitado.

Tal processo subjetivo não se constitui de forma isolada, mas está intrinsecamente ligado a uma estrutura histórica de dominação racial. Essa lógica tem raízes profundas, legitimadas pela moral cristã e pelo racismo científico. Como lembra Bárbara Carine (2025), a craniometria e outras teorias pseudocientíficas foram utilizadas para sustentar a ideia de inferioridade biológica da população negra, naturalizando o uso de corpos negros como cobaias e justificando sua exploração. Embora tais bases científicas tenham sido desmanteladas, sua permanência simbólica atravessa as relações sociais no Brasil, reafirmando hierarquias raciais e produzindo exclusão.

Em sua trajetória pessoal, Bárbara Carine (2025) traduz o impacto dessas normas: em busca de aceitação na universidade, afastou-se de práticas culturais que compunham sua identidade, como as músicas, danças e o convívio comunitário, configurando um processo de embranquecimento cultural que exemplifica como o racismo atua como sequestro da subjetividade. No entanto, ao realizar o movimento *Sankofa*, conceito originário dos povos akan, da África Ocidental, que significa “voltar e apanhar o que ficou para trás” (Dravet; Oliveira 2017), a autora reencontra sua cultura, seus afetos e modos de existir. O símbolo, um pássaro que olha para trás enquanto carrega um ovo nas costas, expressa a ideia de que o retorno ao passado não é regressão, mas um ato de resistência e reparação, no qual a ancestralidade se torna fonte de cura e reconstrução. Conforme explica Elisa Larkin Nascimento (2008), Sankofa representa a valorização das referências culturais africanas como fundamento para a construção de uma identidade própria e

⁴ O conceito de *Ideal de Ego*, formulado por Sigmund Freud (1914) e reelaborado por Jacques Lacan (1953), diz respeito a uma instância simbólica que orienta o sujeito a partir de modelos ideais de perfeição e reconhecimento. Neusa Santos Souza (1983) retoma essa noção no contexto racial brasileiro ao propor o Ideal de Ego branco, no qual o sujeito negro internaliza a branquitude como parâmetro de valor e humanidade. Cf. FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras completas, v. 12. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

descolonizada. Nessa perspectiva, Sankofa propõe uma temporalidade circular, em que o presente pode reparar o passado e reinventar o futuro. Assim, ao retomar suas raízes, Bárbara Carine afirma que não é preciso abrir mão da corporeidade negra para produzir conhecimento. Sua proposta de “intelecpluralidade” surge, então, como uma estratégia política de resistência: reconhecer-se como intelectual sem negar as marcas, potências e expressões da cultura negra.

Esse movimento subjetivo se articula ao que Bárbara Carine (2025) denomina de mito negro, um dispositivo que associa ao corpo negro representações como irracionalidade, primitivismo, feiura, sujeira e exotismo. Trata-se de uma ideologia que, ao naturalizar a inferioridade do negro, dissolve as contradições sociais e desloca a violência do racismo para o campo da suposta essência. Assim, como lembra Neuza Souza (1983), o negro passa a existir sempre em relação ao branco como referência, sendo-lhe negado o direito de simplesmente ser.

Os efeitos dessa lógica aparecem também na intimidade e na construção da autoimagem. Uma de suas entrevistadas relata a infância marcada por práticas violentas, como o uso de pregadores de roupa para afinar o nariz, e a experiência de sentir medo de si mesma diante do espelho. Outra, ao narrar seu relacionamento com um homem branco, descreve a vergonha do próprio corpo e a sensação de não conseguir ser mulher negra para si, ainda que fosse objeto de desejo do outro. Esses testemunhos revelam como o racismo estético se inscreve no psiquismo, produzindo um descompasso entre identidade, desejo e reconhecimento, e reiteram que a luta estética das mulheres negras é também uma luta pela possibilidade de existir como sujeito.

É nesse contexto que este estudo se propõe a questionar os padrões estéticos eurocentrados e refletir sobre seus efeitos na subjetividade de mulheres negras. Mais do que denunciar as violências simbólicas, o trabalho também pretende reconhecer e fortalecer as práticas de resistência que já existem: nos corpos que desafiam a norma, nos cabelos que não se escondem e nas histórias que se impõe mesmo quando tentam calá-las.

Este trabalho ao dialogar com a produção audiovisual “Histórias Entrelaçadas” (2024), documentário realizado em Aracruz (ES), evidencia com sensibilidade a

importância vital da estética enquanto território de disputa simbólica e subjetiva. Nas narrativas de mulheres negras que compartilham suas vivências, vemos como a presença de referências positivas, a valorização da cultura negra e o rompimento com apagamentos históricos têm efeitos concretos na constituição da autoestima e da saúde mental. Portanto, o documentário é um exemplo sensível desse movimento: nele, as mulheres compartilham como as tranças, os encontros e o reconhecimento mútuo produzem novas possibilidades de existência, cuidado e pertencimento. Como aponta Nilma Lino Gomes (2019), apostar na multiplicidade de vivências, criar espaços de cuidado colaborativos e valorizar as diferenças como algo positivo são passos fundamentais para desenvolver novas formas de existir no mundo. Assim, mais do que denunciar as violências simbólicas, é preciso afirmar e celebrar as práticas que já vêm descolonizando o imaginário, práticas que, ao entrelaçar estética, ancestralidade e afeto, tornam o corpo negro um lugar de potência.

Dessa forma, conforme propõe bell hooks (2019), enfrentar a crise da feminilidade negra implica um movimento de descolonização das mentes e de fortalecimento das consciências críticas. Trata-se de um processo coletivo de reconstrução simbólica, em que as mulheres negras, ao compartilharem saberes, experiências e afetos, criam espaços de cuidado e aprendizagem mútua capazes de nutrir novas formas de existir. Nesse gesto de transmissão e acolhimento, emergem práticas que rompem com o isolamento e reafirmam o poder das narrativas negras como fundamento de transformação subjetiva e social. Assim, a estética se afirma como um campo de resistência e reinvenção coletiva, onde o corpo negro se torna linguagem, e o cuidado com a própria imagem se transforma em gesto político de afirmação e liberdade.

Ao considerar o cenário brasileiro, Nilma Lino Gomes (2019) destaca que a estética negra constitui um importante campo de resistência e elaboração identitária, pois emerge em confronto direto com um histórico de apagamento cultural, violência simbólica e imposição de padrões eurocêntricos. Para a autora, os modos de vestir, pentear o cabelo, adornar o corpo e afirmar símbolos ancestrais não são apenas expressões individuais, mas práticas políticas que tensionam o mito da democracia racial e desestabilizam hierarquias que insistem em definir o que é belo, aceitável ou civilizado. Em um país onde a negritude foi constantemente deslegitimada, a

valorização das referências culturais afro-brasileiras, seja por meio da estética, da arte ou da coletividade, torna-se gesto de cura e reconstrução subjetiva. Assim, a estética negra opera como espaço de produção de sentido, onde mulheres negras elaboram novas formas de existir, reivindicam seus corpos como territórios de memória e confirmam sua presença na cena social de maneira afirmativa, criativa e politicamente enraizada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender como os padrões de beleza eurocêtricos atuam como dispositivos de poder e subjetivação que atravessam os corpos das mulheres negras. Foi possível reconhecer que tais padrões, ao se apresentarem como ideais universais de beleza e humanidade, produzem efeitos profundos de exclusão, silenciamento e fragmentação psíquica. A estética, nesse contexto, revelou-se não apenas uma dimensão superficial, mas um campo político de disputa simbólica, onde se decide quem pode ser visto, desejado e reconhecido como sujeito.

Entretanto, a investigação também evidenciou que as mesmas forças que buscam domesticar e hierarquizar corpos são tensionadas por práticas de resistência que emergem da própria experiência negra. As mulheres negras, ao reapropriarem seus corpos, seus cabelos e suas histórias, transformam a dor em potência e o apagamento em criação. O movimento Sankofa, ao evocar o retorno às raízes como ato de cura e reconstrução, e as experiências narradas no documentário *Histórias Entrelaçadas* (2024), revelam que o reencontro com a ancestralidade e a coletividade são caminhos para a produção de subjetividades mais autênticas, inteiras e afetivas.

Desse modo, ao reconhecer o corpo negro como território de memória, arte e saber, abrem-se brechas para novas formas de habitar o mundo, sustentadas pela consciência crítica, pela partilha de saberes e pelo reconhecimento mútuo. A desconstrução dos padrões eurocêtricos, portanto, não se limita a um gesto individual de autoaceitação, mas implica um processo coletivo de descolonização das sensibilidades e de invenção de novos modos de vida. Este trabalho reafirma, por fim, que toda vez que uma mulher negra se reconhece em sua própria imagem,

veste sua história com orgulho e celebra seus traços como expressão de beleza e ancestralidade, ela reinscreve a negritude no lugar da potência. É nesse gesto cotidiano e político que se funda a possibilidade de uma estética verdadeiramente libertadora, uma estética do existir.

Diante das reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo, torna-se evidente a necessidade de ampliar as investigações sobre como os padrões de beleza eurocêntricos continuam operando na produção da subjetividade das mulheres negras, especialmente no campo da saúde mental, da educação e das práticas clínicas em Psicologia. Ainda é urgente aprofundar pesquisas que discutam os impactos psicossociais do racismo estético desde a infância, analisando como a ausência de representatividade positiva, as microviolências cotidianas e os processos de embranquecimento subjetivo atravessam trajetórias escolares, vínculos afetivos e experiências emocionais. Além disso, faz-se necessário investigar como profissionais brancos, sobretudo aqueles que ocupam majoritariamente os espaços da Psicologia, podem reconhecer seu lugar de privilégio e transformar suas práticas, rompendo com uma escuta supostamente neutra que, na verdade, reproduz silenciamentos.

É fundamental que o compromisso com a descolonização das subjetividades não recaia apenas sobre os corpos negros. É preciso que pessoas brancas, especialmente mulheres brancas, cuja presença na psicologia é majoritária, reconheçam seus privilégios e se engajem de forma crítica e ética na luta antirracista, não como porta-vozes, mas como aliadas atentas e dispostas a escutar. A formação e a prática psicológica, nesse sentido, precisam se racializar, isto é, compreender que raça é uma categoria estruturante das relações humanas e que o silenciamento sobre ela perpetua desigualdades. Que este estudo inspire a continuidade de debates que tensionem o olhar da psicologia, da academia e da sociedade, abrindo caminho para uma escuta verdadeiramente comprometida com a diversidade, a reparação histórica e a dignidade das existências negras.

4. REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARINE, Bárbara. **E eu, não sou intelectual?: Um quase manual de sobrevivência acadêmica**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos de. **Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano**. *Miscelânea – Revista de Pós-Graduação em Letras*, Assis, v. 21, p. 11–30, jan./jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas, v. 12**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, Nilma Lino; REIS, João José. **Abolição**. São Paulo: Publifolha, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Mário Augusto Medeiros da Silva. São Paulo: Elefante, 2019. (Obra original publicada em 1992)

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019. (Obra original publicada em 2008).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIMA, Eliete Gonçalves Santiago (direção). **Histórias Entrelaçadas: Resistência e Identidade Através da Estética em Aracruz** [documentário]. Aracruz: Geraldo Filmes Produções, 2024. 75 min.)

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo: Sankofa I**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas para o método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. 1983. **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: A Herança Sociológica**. Educação & Sociedade, 2002.

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Curitiba: Appris, 2023.